



Voz da Fátima

Director: PADRE LUCIANO GUERRA

Redacção e Administração: SANTUÁRIO DE FÁTIMA — Tel. 97582

PUBLICAÇÃO MENSAL

Ano 56 — N.º 672 — Avença

13 de Setembro de 1978

Composição e impressão:

«Gráfica de Leiria»

COMO O NOVO PAPA VÊ A MENSAGEM DE FÁTIMA

Segunda-feira 11 de Julho concelebrei com alguns sacerdotes de Veneza e do Vêneto na igreja das carmelitas de Coimbra, cidade portuguesa de cerca de cem mil habitantes. Imediatamente depois, sozinho, (os cardeais podem entrar na clausura), encontrei-me com toda a comunidade das irmãs (vinte e duas entre professoras e noviças); em seguida falei longamente com a Irmã Lúcia dos Santos a única sobrevivente dos três videntes de Fátima. A Irmã Lúcia tem 70 anos, mas suporta-os bem, assegurou-me ela própria sorrindo.

Não acrescentou como Pio IX: «suporto-os tão bem que não me cai nenhum de cima», mas a jovialidade, o falar expedito, o interesse apaixonado que revela, ao falar, por tudo aquilo que diz respeito à Igreja de hoje com os seus graves problemas, mostram a sua juventude espiritual. O português, compreendo-o mais ou menos bem, por ter estado algumas semanas no Brasil; mas mesmo que ignorasse completamente a língua, eu teria compreendido, do mesmo modo, que ela insistia comigo sobre a necessidade de termos hoje cristãos e sobretudo seminaristas, noviços e noviças decididos a entregar-se a Deus sem reservas. Falava-me com muita energia e convicção de «freiras, padres e cristãos de cabeça firme»; radical como os santos: «ou tudo ou nada», se quer ser de Deus a sério. A Irmã Lúcia não me falou das aparições. Perguntei-lhe alguma coisa sobre a famosa «dança do sol». Não a viu. Setenta mil pessoas durante 10 minutos seguidos em 13 de Outubro de 1917 viram o sol tomar várias cores, girar sobre si mesmo três vezes e depois precipitar-se velozmente para a terra. Lúcia com os dois companheiros, via ao mesmo tempo, junto ao sol imóvel a Sagrada Família e em quadros sucessivos a Virgem como Nossa Senhora das Dores e como Nossa Senhora do Carmo. Chegados a este ponto alguém perguntará: então o Cardeal interessa-se por revelações privadas? Não saberá ele que o Evangelho contém tudo? Que as revelações mesmo aprovadas não são artigos de fé? Sei isso muito bem. Mas artigo de fé contido no Evangelho é também estoutro: Sinais acompanharão aqueles que crêem. (Marcos, 16, 17).

Se hoje se tornou moda prescrutar os sinais dos tempos, que assistimos a uma inflação e praga de «sinais» creio seja lícito referir-me ao sinal de 13 de Outubro de 1917 atestado por anticlericais e incrédulos. E por detrás do sinal é oportuno atender às coisas contidas naquele sinal. Quais?

PRIMEIRO: Arrepender-se dos próprios pecados e evitar ofender mais o Senhor.

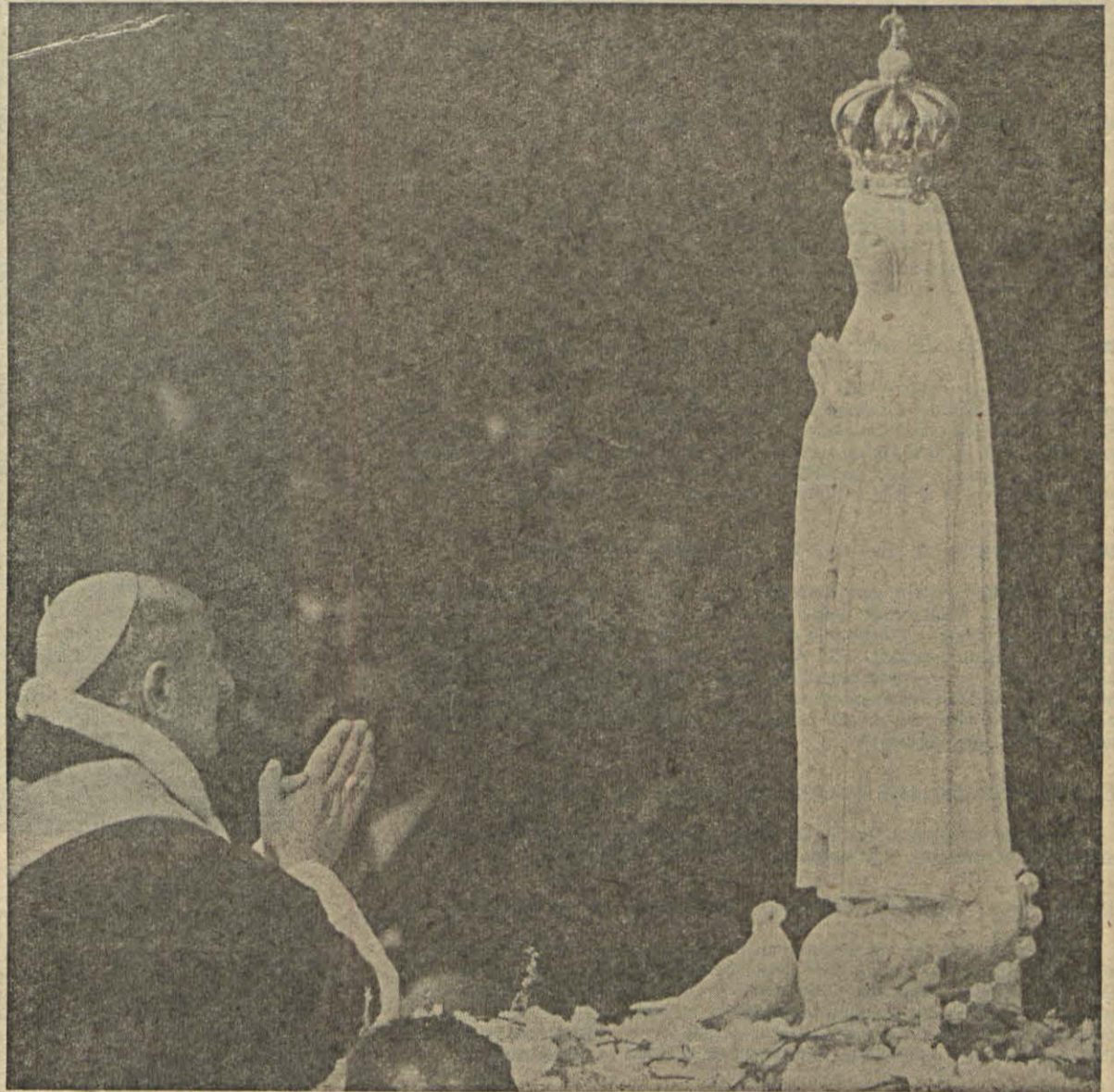
SEGUNDO: Rezar: a oração é meio de comunicação com Deus mas os meios de comunicação entre os homens (TV, Rádio, Cinema, Imprensa) hoje prevalecem descaradamente e parecem querer pôr de lado totalmente a oração: «ceci tuerá cela» assim se diz; parece que isto se está a verificar. Não sou eu mas Karl Rahner que escreve: «Está em acto, mesmo no interior da Igreja, um empenho exclusivo do homem pelas realidades temporais, o que não é uma escolha legítima mas uma apostasia e perda total da fé».

TERCEIRO: Recitar o Rosário. O sírio Naaman, grande general, desdenhava o simples banho no Jordão. Alguns fazem como Naaman: «Sou um grande teólogo, um cristão amadurecido, que respira Bíblia a plenos pulmões e sua liturgia por todos os poros e falam-me do Terço?! Contudo também os quinze mistérios do Rosário são Bíblia e também o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória, são Bíblia unida à oração que faz bem à alma. Uma Bíblia estudada por mero esforço de investigação poderia encher de soberba, e esvaziá-la; não é raro o caso de especialistas da Bíblia perderem a fé.

QUARTO: O Inferno existe e podemos cair nele. Em Fátima, Nossa Senhora ensinou esta oração: «Ó meu Jesus perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu». Neste mundo há coisas importantes mas nenhuma mais importante do que merecer o paraíso com uma vida boa.

Não é Fátima a dizê-lo, mas sim o Evangelho: «Que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vem a perder a própria alma? (Mat. 16.26)

Card. Albino Luciani



«NÃO VÊS O SANTO PADRE EM UMA IGREJA, DIANTE DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, A REZAR? E TANTA GENTE A REZAR COM ELE?»

(Visão da Jacinta, narrada pela Irmã Lúcia, na III Memória)

Paulo VI, Peregrino da Paz

Em 1966 o Episcopado Português enviara ao Santo Padre uma petição colectiva convidando-o a visitar Fátima a quando do cinquentenário das aparições de Nossa Senhora.

A nomeação do Senhor Cardeal José da Costa Nunes como legado *a latere* às comemorações cinquentenárias não fez perder as esperanças... E a notícia jubilosa chegou na manhã do dia 3 de Maio: o Papa perante um numeroso grupo de peregrinos anunciou a sua vinda a Fátima no dia 13 de Maio de 1967 «para honrar Maria Santíssima e para invocar a sua intercessão a favor da paz da Igreja e do Mundo.»

Os poucos dias que faltavam para o grande acontecimento foram suficientes para levar ao rubro o entusiasmo e amor com que os portugueses acolheram o Vigário de Cristo.

O Santo Padre saiu de Roma manhã cedo num avião da TAP. Sobrevoou a Espanha, fez uma breve passagem sobre a Cova da Iria, onde a multidão o aclamou entusiasticamente com o acenar de lenços brancos

e desceu no aeródromo de Monte Real às 9.53 h. Aguardavam-no o Presidente da República de então Almirante Américo Tomás, o Presidente do Conselho de Ministro, Dr. António de Oliveira Salazar, outras altas individualidades civis e militares, o Sr. D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria e o Sr. Nuncio Apostólico e muito povo, especialmente das povoações vizinhas.

O Presidente da República fez uma saudação de boas-vindas que o Santo Padre agradeceu comovidamente. Depois iniciou-se o extraordinário cortejo que terá ficado gravado na memória do Santo Padre: Ele viu com os seus próprios olhos o amor filial do Povo Português para com o Vigário de Cristo na terra. Calorosamente saudado em todo o percurso e em especial junto das povoações, o cortejo deteve-se um pouco mais na cidade de Leiria, capital da diocese. O Presidente da Câmara entregou ao Santo Padre as chaves da cidade e uma bela mensagem de saudação e pedido de bênção

para todo o povo do concelho.

Depois foi a entrada solene na Cova da Iria. Foi certamente a mais extraordinária ovação que o Santo Padre jamais recebeu. Começou a Santa Missa. Depois do Evangelho o Santo Padre proferiu em Português a homilia e na altura própria deu a comunhão a uns 50 fiéis. Terminada a Missa benzeu a primeira pedra do novo Colégio Português em Roma, recebeu os cumprimentos da Irmã Lúcia que apresentou à multidão e ofereceu à Imagem de Nossa Senhora de Fátima um belo rosário de prata. Foi este um dos momentos altos da sua peregrinação. Feita uma oração especial pelos doentinhos e dada a bênção em conjunto, saudou uma vez mais a multidão e retirou-se para a Casa de Retiros Nossa Senhora do Carmo onde tinha os seus aposentos e tomou a refeição. Antes veio uma vez mais à presença da multidão à antiga varanda do Albergue onde recebeu nova aclamação.

● Continua na 2.ª página

Paulo VI, Portugal e Fátima

30 DE JUNHO DE 1963 (COROAÇÃO)

«Enviamos a Nossa saudação a todos os queridos filhos de língua portuguesa. Saudamos os de Portugal — TERRA DE SANTA MARIA, onde a Mãe de Deus erigiu o Altar de Fátima.»

25 DE AGOSTO DE 1964 (AUDIÊNCIA A UM GRUPO DE PORTUGUESES)

«Sois filhos de uma nobre nação, que tanto se distinguiu pelos serviços prestados à Igreja, abrindo os caminhos do mar aos seus intrépidos missionários, portadores do Evangelho de Cristo aos povos dos remotos países do Oriente e do Ocidente (...) Como penhor das graças que sobre vós invocamos de Deus, por intercessão de Nossa Senhora de Fátima, Padroeira especialíssima da vossa nobre Pátria, concedemos de todo o coração a vós aqui presentes, às vossas famílias, parentes e amigos, a Nossa Paternal Bênção Apostólica.»

21 DE NOVEMBRO DE 1964 (ANÚNCIO DA CONCESSÃO DA ROSA DE OURO)

«Julgamos oportuno lembrar, hoje em particular, essa consagração (do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, pelo Papa Pio XII). Com este fim, decidimos mandar proximamente, por uma missão especial, a Rosa de Ouro ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, tão querido não somente ao povo da nobre nação portuguesa — que nos é sempre caro, e especialmente hoje, — mas também conhecido e venerado pelos fiéis do mundo católico inteiro.»

28 DE MARÇO DE 1965 (BENÇÃO DA ROSA DE OURO)

«Quanto nos sentimos feliz de enviar à terra que, no dizer do vosso poeta, «é o jardim da Europa à beira-mar plantado», a rainha das flores que é a rosa. Esta é a mensageira da Primavera, é a púrpura dos canteiros floridos. Que esta rosa áurea seja, para todos os portugueses, a mensageira de uma eterna Primavera de suas almas e seja o símbolo da sua perene adesão à Santa Igreja, como através dos séculos sempre a professaram e nunca a desmentiram.»

28 DE MARÇO DE 1965 (ENVIO DA ROSA DE OURO)

«Por decisão pessoal, com conhecimento certo e por Nossa deliberação amadurecida e pela plenitude do poder Apostólico, por força deste documento atribuímos e concedemos ao Santuário de Fátima a Rosa feita de Ouro que lá deve ser religiosamente guardada. Na cerimónia solene da Bênção da Rosa pedimos fervorosamente a Deus que concedesse toda a prosperidade e destruisse toda a adversidade; de novo ardentemente suplicamos ao Pai das Misericórdias, com todo o fervor do espírito, que cumule plenamente de graças os Ministros sagrados e todo o Povo de Portugal.»

13 DE MAIO DE 1965 (CARTA AO CARDEAL CENTO)

«Este Santuário Mariano é, de facto, celeberrimo, não só entre o Nosso amado Povo português, mas entre outros cristãos do Mundo.»

13 DE MAIO DE 1965 (ENTREGA DA ROSA DE OURO)

«Quisemos também nós associar-nos a essa homenagem, enviando a esse insigne Santuário uma Rosa de Ouro pelo Nosso Legado, Sr. Cardeal Cento. Esta é testemunho do amor que dedicamos a Portugal Católico, missionário e mariano. Que esta nossa lembrança vos seja de estímulo, amados filhos, para corroborardes e aumentardes o vosso amor e devoção Àquela que sempre acompanhou Portugal, em toda a sua linda história, desde o berço de Guimarães.»

15 DE ABRIL DE 1967 (NOMEAÇÃO DO CARDEAL LEGADO A FÁTIMA)

«Lindas coisas têm dito de ti, Cova da Iria; e o nome de Fátima, situada não longe de ti, antes obscuro e pouco conhecido, já de há muito corre dum extremo ao outro do Mundo, louvado e difundido por meio da palavra e dos escritos dos homens. E isso deu-se por graça e magnificência da Bem-aventurada Virgem Maria, para que a solidão exultasse e desabrochasse como lírio; e aconteceu providencialmente que, na terra deserta e árida, jorrasse uma nascente límpida e abundante, um tesouro precioso, uma fonte de água viva a difundir e a derramar ao longo e ao largo a abundância do amor maternal.»

3 DE MAIO DE 1967 (ANÚNCIO DA PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA)

«A razão espiritual que quer dar a esta viagem a sua significação própria, é rezar, uma vez mais, e com maior humildade e devoção ainda, pela paz. (...) Àquela que, para a incolumidade deste nosso mundo moderno se dignou mostrar mais uma vez o seu rosto maternal, doce e luminoso, aos pequeninos, aos pobres, e recomendou como remédios soberanos, a oração e a penitência, erguemos as nossas preces. Esta é a razão da nossa peregrinação.»

10 DE MAIO DE 1967 (ANÚNCIO DA EXORTAÇÃO PASTORAL «SIGNUM MAGNUM»)

«Anunciámos a Nossa peregrinação a Fátima, que faremos a 13 de Maio, se Deus quiser, duma maneira muito rápida e com a resolução sincera de a fazer como a própria Santa Virgem o pediu, num espírito de penitência e oração, pelas necessidades da Igreja e do Mundo, e muito especialmente pela paz. Dir-vos-emos hoje que nessa ocasião Nos propomos dirigir a toda a Igreja uma exortação a rezar e a imitar a Santa Virgem.»

13 DE MAIO DE 1967 (EXORTAÇÃO «SIGNUM MAGNUM»)

«Porque este ano se comemora o XXV aniversário da solene consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa — Consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua ceste Rainha.»

13 DE MAIO DE 1967 (À CHEGADA A PORTUGAL)

«É com a maior satisfação que pisamos o solo português. Desta abençoada «Terra de Santa Maria», partiu, no passado, para as regiões mais remotas do Mundo, uma generosa pléiade de arautos do Evangelho. Para ela confluía, no presente, de toda a parte, uma piedosa multidão de peregrinos. Nós também viemos como peregrino. É nosso ardente desejo render homenagem filial à excelsa Mãe de Deus, na Cova da Iria. Para lá encaminharmos os Nossos passos, com espírito de oração e de penitência, para suplicar a Nossa Senhora de Fátima que faça reinar na Igreja e no mundo o inestimável bem da paz.»

13 DE MAIO DE 1967 — APELO À PAZ



«Vós sabeis quais as Nossas intenções especiais que desejamos caracterizem esta peregrinação (...) A primeira intenção é a Igreja: a Igreja uma, santa, católica e apostólica. Queremos rezar, pela sua paz interior (...) Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa (...) Segunda intenção deste Nosso peregrinar, intenção que enche a Nossa alma: o Mundo, a paz do Mundo (...) Por isso, a nossa oração, depois de se ter dirigido ao Céu, dirige-se aos homens de todo o Mundo: Homens, dizemos neste momento singular: procurai ser dignos do dom divino da paz. HOMENS, SEDE HOMENS. HOMENS, SEDE BONS, SEDE CORDATOS, ABRI-VOS À CONSIDERAÇÃO DO BEM TOTAL DO MUNDO. HOMENS, SEDE MAGNÂNIMOS.»

13 DE MAIO DE 1967 (PALAVRAS DE DESPEDIDA)

«Que Maria Santíssima que, nesta terra abençoada, desce há cinquenta anos, se tem mostrado tão generosa para com todos aqueles que a Ela recorrem com devoção, se digne ouvir a Nossa ardente prece, concedendo à Igreja aquela renovação espiritual que o Concílio Ecuménico Vaticano II teve em vista emprender, e à Humanidade aquela paz de que ela hoje se mostra tão desejosa e necessitada.»

13 DE MAIO DE 1967 (À CHEGADA A ROMA)

«Encontrei em Portugal um povo bom e piedoso. Foi uma experiência maravilhosa que mostrou o caminho para a reconstrução do Mundo tal como o desejamos — de oração, humildade, concórdia e boa vontade.»

Paulo VI, Peregrino da Paz

(Continuação da 1.ª página)

A seguir à refeição tiveram lugar as audiências programadas:

Ao sr. Presidente da República e família, ao Sr. Presidente do Conselho com alguns membros do Governo, ao Episcopado Português, Corpo Diplomático Português, Famílias Reais presentes, leigos dirigentes de várias obras católicas e da Acção Católica, um grupo de cristãos separados aos quais dirigiu palavras de carinhosa saudação.

O regresso a Monte Real fez-se pela Batalha. O mesmo entusiasmo das populações aclamando o Santo Padre que se deteve para visitar a mais bela

jóia da arquitectura portuguesa símbolo ao mesmo tempo da gloriosa história de Portugal e da devoção à Mãe de Deus, sua Padroeira.

A despedida de Portugal foi breve e afectuosa. Às 22 horas da noite chegou a Roma: «Encontrei em Portugal um povo bom e piedoso. Foi uma experiência maravilhosa que mostrou o caminho para a reconstrução do Mundo tal como o desejamos — de oração, humildade, concórdia e boa vontade.»

Condensação da *Crónica da Peregrinação de Paulo VI a Fátima*, pelo Dr. José Galamba de Oliveira, em *Fátima-50*, 13 de Julho de 1967.

DATAS E ACTOS PRINCIPAIS

1963

Junho, 21 — Eleição de João Baptista Montini com o nome de Paulo VI.

Setembro, 29 — Inauguração da II Sessão do Concílio.

Dezembro, 4 — Encerramento da II Sessão do Concílio.

1964

Janeiro, 4-6 — Visita à Terra Santa e encontro com Atenágoras em Jerusalém.

Agosto, 6 — Encíclica *Ecclesiam Suam*.

Setembro, 14 — Inauguração da II Sessão do Concílio.

Novembro, 21 — Encerramento da II Sessão do Concílio e proclamação de Maria, Mãe da Igreja.

Dezembro, 4-5 — Viagem apostólica a Bombaim.

1965

Abril, 29 — Encíclica *Mense Maio*.

Setembro, 6 — Encíclica *Mysterium fidei*.

Setembro, 14 — Inauguração da IV Sessão do Concílio.

Setembro, 15 — Instituição do Sinodo dos Bispos.

Outubro, 4-5 — Viagem apostólica à sede da ONU, em Nova Iorque.

Dezembro, 8 — Encerramento da IV e última Sessão do Concílio.

1967

Março, 26 — Encíclica *Populorum progressio*.

Maio, 13 — Viagem apostólica a Fátima.

Junho, 24 — Encíclica *Sacerdotalis coelibatus*.

Julho, 25-26 — Viagem apostólica a Istambul, Esmirna e Eféso.

Setembro, 29 — Inauguração do I Sinodo dos Bispos.

1968

Julho, 25 — Encíclica *Humanae Vitae*

Agosto, 22-24 — Viagem apostólica à Colômbia.

1969

Junho, 11-12 — Viagem apostólica a Genebra.

Julho, 31 — Agosto, 2 — Viagem Apostólica ao Uganda.

Outubro, 11 — Inauguração do II Sinodo dos Bispos.

1970

Novembro, 26 — Dezembro, 2 — Viagem apostólica a Teerão, Dacca, Manila, Ilhas Samoa, Sidney, Jacarta, Hong-Kong e Colombo.

1971

Maio, 14 — Carta apostólica *Octogesima adveniens*.

Setembro, 30 — Inauguração do III Sinodo dos Bispos.

1973

Maio, 9 — Proclamação do Ano Santo.

1974

Fevereiro, 2 — Exortação Apostólica *Marialis Cultus*.

Setembro, 27 — Inauguração do IV Sinodo dos Bispos.

Dezembro, 31 — Inauguração do Ano Santo.

1975

Outubro, 1 — Constituição apostólica *Romano Pontifice eligendo*, normas para a eleição dos Papas.

1977

Setembro, 26 — Completou 80 anos de idade.

Setembro, 30 — Inauguração do V Sinodo dos Bispos.

1978

Agosto, 6, às 21.40 h. de Roma, entrou na paz do Senhor.

Testemunhos

D. João Venâncio

Jean Guitton

O povo português foi uma revelação para o Santo Padre. Nunca Sua Santidade de certo, imaginaria vir encontrar aqui tanta devoção à Virgem e ao Vigário de Cristo, tanto entusiasmo, tanta alegria. E o Papa é uma pessoa muito viajada, mesmo depois que subiu ao Sólido Pontifício, como é notório. A cada passo, saíam da sua boca expressões como estas: «mas... que devoção! Que entusiasmo... e tanta gente e em tanta ordem!...»

Já a caminho da Batalha, ao contemplar do alto da serra a paisagem ímpar que se desdobra em amplidões policromas e ondulantes até muito longe, até perder de vista, exclamou: «Ah como é belo... E os campos como estão bem tratados! Vê-se que os portugueses se dedicam ao seu trabalho com amor. E, depois, as casas limpas, e tantas casas novas por toda a parte...»

No automóvel, com a deslocação do ar, sentia-se um pouco de frio. Pediu ao Santo Padre que se resguardasse. Respondeu-me: «Deixe-me respirar este ar leve e puro. Nem sempre o tenho à minha disposição...»

Era para as crianças que iam as suas predileções. Os meninos e meninas das escolas, com as suas batas brancas, capitaneados pelas mestras entusiasmadas, atraíam-lhe especialmente a atenção. Confessou-me sorrindo: «As vossas crianças são muito lindas.»

Extractos de uma entrevista em A Voz do Domingo de 16 de Julho de 1967 e em Fátima-50, Agosto de 1967.

Franco Nogueira

Durante o pontificado de Paulo VI as relações entre Portugal e o Vaticano, tiveram alguns momentos difíceis, que reflectiam, aliás a crise geral. Penso que terá de se considerar como seu momento mais alto, a visita do Pontífice a Fátima. De carácter eminentemente religioso e peregrino, e assim foi acolhida na altura, não deixou no entanto de constituir uma homenagem à Nação Portuguesa, ao seu povo, ao seu passado missionário.

Quando acompanhei o Pontífice na sua visita à Batalha, o Papa confessou-se-me impressionado com o que se passara em Fátima. Mais, bem mais de um milhão de peregrinos veio saudar e ver o Papa. Paulo VI não se recordava de jamais ter visto juntos tão largo número de fiéis. E disse-me textualmente: «Este povo merece tudo, rezarei muito por eles.»

Expresso, 12 de Agosto de 1978.

Domingo, 28 de Maio de 1967 — Visita ao Santo Padre que me fala da sua viagem a Fátima, que ele tem como uma bênção que recebeu. Este mar jamais visto de um milhão de pessoas reunidas, pobres, uma massa que ninguém podia comprimir nem dominar, era muito diferente do que tinha visto em Bombaim. (...)

O Papa interessa-se pelo que eu lhe digo sobre o aspecto escatológico do fenómeno. Repete: «Sim, escatológico, no sentido em que foi como que uma repetição ou um anúncio de uma cena do fim dos tempos para toda a humanidade reunida; foi também, como se devia compreender mais tarde, depois de Hiroshima, um beijar do sol sobre a terra, definição possível de uma explosão atómica». Eu disse-lhe: «Mas Fátima, Santo Padre, é mais interessante que Lourdes, porque Fátima é ao mesmo tempo cósmica e histórica, isto é, ligada ao mesmo tempo ao cosmos e à história, quero dizer, à história da salvação, à história universal.»

A este propósito falo-lhe, e ele escuta-me prestando toda a atenção dum conversaço que eu tinha tido com Culmann no Concílio, em que, dizendo eu a Culmann: «Vós não deveis ligar muita importância a Fátima», ele me respondera: «É uma teofania, e as teofanias intervem na história da salvação. Eu sou levado a admitir que elas se continuam mesmo depois de Cristo, e que Fátima poderá muito bem ser uma delas.» (...)

Permiti-me perguntar-lhe as suas impressões da sua peregrinação a Fátima. «Foi muito diferente das outras três visitas que eu fiz, totalmente diferente. Não poderei resumir a minha impressão senão por uma única palavra: eu vi a humanidade. Sim, a humanidade, a verdadeira, a humanidade no seu estado de simplicidade, de oração e de penitência. Era a visão da reunião final, talvez a maior reunião de verdadeiros crentes. Nunca tinha visto tal coisa neste mundo. Certamente que em Bombaim havia também um milhão de pessoas, mas eram curiosos e estendiam-se por vinte quilómetros. Em Fátima a multidão ocupava uma só cova, tendo a impressão que a humanidade, verdadeiramente, era uma.» — «E Lúcia, perguntei-lhe, que impressão vos fez?» — «Oh, de uma pessoa muito simples! Uma camponesa sem complicações. O povo queria vê-la, e eu mostrei-lha.»

Jean Guitton, Journal de ma vie, 1976, pág. 574-576.



PAULO VI APRESENTA A IRMÃ LÚCIA À MULTIDÃO

Paulo VI e os doentes

Muito se disse de Paulo VI durante a sua vida e após a sua morte.

Toda a pessoa se define mais pelas obras do que pelas palavras.

Paulo VI foi um homem de Deus e nisto está tudo dito.

Nenhum dos problemas que têm torturado a humanidade lhe passou despercebido. Os doentes, membros qualificados do povo de Deus, foram objecto de preocupação e predilecção do seu coração paternal.

No discurso de encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II entre as sete mensagens lidas à Igreja, está a penúltima dirigida aos Irmãos doentes.

Eis algumas das suas palavras.

O Concílio sente os vossos olhos implorantes, brilhantes de febre ou abatidos pela fadiga, olhares interrogadores, que procuram em vão o porquê do sofrimento humano e que perguntam ansiosamente, quando e de onde virá a consolação.

IRMÃOS muito amados, sentimos repercutir profundamente nos nossos corações de pais e pastores os vossos gemidos e a vossa dor. E a nossa própria dor aumenta ao pensar que não está no nosso poder trazer-vos a saúde corporal, nem a diminuição das vossas dores físicas. Mas nós temos algo de mais profundo e de mais precioso para vos dar: a única verdade capaz de responder ao mistério do sofrimento e de vos trazer uma consolação sem ilusões: a fé e a união das dores humanas a

dos doentes realizado em Fátima de 4 a 8 de Julho de 1968, Paulo VI na sua mensagem enviada aos Congressistas dizia:

O doente não é um abandonado, nem um ser inútil, mas sim um preferido do Reino de Deus; reino de esperança, de felicidade e vida. É um chamado por Cristo, a fim de ser de modo particular, a imagem viva e transparente do corpo místico que é a Igreja. É um benemérito do Povo de Deus, peregrino na esperança, em demanda da salvação.

Que em Fátima erga o seu olhar para Maria, a qual avançou na Fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz. Que os estimule o seu exemplo materno e o seu amparo em proporcionar conforto, alívio e resignação e que sentindo-se também por Maria irmãos de Cristo sofredor, possam cumprir a sua função eclesial, pois com Ele podem, se quiserem, salvar o mundo.

Sua Santidade não só dirigiu palavras de formação, estímulo e conforto aos irmãos doentes, mas também Ele suportou no seu corpo e espírito as agudas arestas do sofrimento. De algum modo podemos dizer de Paulo VI o que se disse do Senhor Jesus. «O homem das dores, afeito ao sofrimento.»

Ele mesmo disse: «Sinto-me feliz por esta prova, dando-me ocasião de suportar o que recomendo aos outros.»

É necessário que aceitem das mãos paternas de Deus e lho ofereçam em união com os sofrimentos de Cristo Redentor. Muito havia a dizer do Santo Padre, sobre este assunto. Esperamos continuar no próximo jornal.

O muito que Paulo VI escreveu e as frequentes visitas que fazia a hospitais e a casas onde se encontravam doentes, revela bem o amor e compreensão que tinha para com os que sofrem.

Esperamos tê-lo já no Céu a interceder por quem neste mundo peregrina, conduzindo a Cruz do seu sofrer.

Bênção dos doentes

«Deus Onnipotente e Eterno, Senhor da Vida e da Morte, da Saúde e da Enfermidade, pela intercessão de Nossa Senhora de Fátima que desde há cinquenta anos concede, generosa, nesta abençoada Cova da Iria, a Sua materna assistência proteccional aos fiéis que sofrem na alma e no corpo, Nós vos pedimos que manifesteis o poder do Vosso socorro a estes doentes. Comemorando a fé daqueles que na Vossa vida mortal encontrastes e curastes nos caminhos da Palestina, invocamos o conforto da Vossa misericórdia.»

Oração dita pelo Papa Paulo VI na altura da bênção dos doentes, no dia 13 de Maio de 1967.

Cristo, Filho de Deus pregado na Cruz pelas nossas faltas e para a nossa salvação.

Na sua Mensagem aos doentes de 12/9/65, dizia: «Nós estamos convosco, porque vos compreendemos.»

Nós pensamos compreender algo dos vossos padecimentos, padecimentos tão dolorosos, padecimentos morais tão íntimos e tão profundos e desconcertantes!

No Congresso Internacional

P.º Antunes

João Paulo I também esteve em Fátima

No primeiro dia do conclave, 26 de Agosto de 1978, os 111 cardeais da Santa Igreja, reunidos na capela Sistina, do Vaticano, elegeram o Cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza, Papa, 263.º sucessor de São Pedro Vigário de Jesus Cristo na Terra.

Foi um dos mais rápidos conclaves da história da Igreja. O cardeal Luciani tomou o nome de JOÃO PAULO I: João em homenagem ao seu predecessor na Sé Patriarcal de Veneza, o Papa João XXIII, e Paulo, em homenagem a Paulo VI.

Um pedido aos nossos leitores

Por lapso dos nossos serviços, não tirámos qualquer fotografia ao Cardeal Luciani, aquando da sua vinda a Fátima em 10 de Julho de 1977. Se entre os 10 mil peregrinos desse dia algum tirou alguma fotografia ou fez gravação das palavras do então Patriarca de Veneza e hoje Papa João Paulo I, muito agradeceremos o seu envio, para cópia e eventual publicação. Desde já o nosso muito obrigado.

O novo Sumo Pontífice nasceu em Forno di Canale, diocese de Belu no (norte da Itália), a 17 de Outubro de 1912. Ordenado padre em 1935. Doutorou-se em teologia. Foi vigário da paróquia de Forno di Canale, sua terra natal.

Ao mesmo tempo foi professor no Seminário de Belluno, onde ensinou teologia, moral, direito canónico e arte sacra. Em 1948 pró-vigário geral da cidade e responsável pela secretaria catequética, tendo publicado um livro sobre o ensino do catecismo. Depois de ter sido durante quatro anos vigário de Belluno, foi nomeado bispo da diocese de Vittorio Veneto, em 1958 onde durante onze anos intensificou a acção pastoral e as actividades diocesanas. Em 1969, o Papa Paulo VI nomeou-o Patriarca de Veneza e nomeado cardeal, pelo mesmo Papa, em Março de 1973.

É filho de um operário vidreiro e de uma empregada doméstica do Asilo de São João de Paula, em Veneza. O pai esteve emigrante na Suíça. Tem um irmão, pai de 10 filhos, e uma irmã, casada, mãe de duas crianças.

O novo Santo Padre «é um sábio e um santo», na afirmação de um cardeal italiano e, segundo o testemunho de muitas pessoas que com ele privaram, é um homem simples que lembra a figura do Papa, seu predecessor em Veneza, João XXIII.

Tal como o Cardeal Roncalli, também o cardeal Albino Luciani esteve em Fátima antes de ser eleito Papa.

No dia 10 de Julho de 1977 o cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza, presidiu a uma peregrinação de 50 italianos da região veneziana (dioceses de Veneza, Treviso, Verona e Pádua), da qual faziam parte 12 sacerdotes. O cardeal presidiu à celebração no altar do Recinto, com mais 25 padres e o sr. D. João Pereira Venâncio, bispo resignatário de Leiria. Numa breve alocução aos peregrinos, o Patriarca de Veneza recordou que um dos seus antecessores, o cardeal Angelo Roncalli, havia dirigido a homília aos peregrinos falando-lhes sobre as aparições de Nossa Senhora e do Anjo. De igual modo, ele, Patriarca de Veneza apelava para o cumprimento da Mensagem de Fátima: penitência e oração e nesta a reza do terço do rosário deverá ocupar a grande preocupação dos peregrinos de Fátima, tal como a observância do Evangelho.

Entre os peregrinos desse dia encontrou-se ainda em Fátima o sr. Giuseppe Roncalli, irmão do Papa João XXIII.

Depois da peregrinação ao Santuário, o cardeal Luciani dirigiu-se a Coimbra onde celebrou missa, com os seus padres, na capela do convento das carmelitas, e conversou com a Comunidade e em especial com a irmã Lúcia. As suas impressões escreveu-as na revista de apostolado mariano, intitulada «Il Cuore della Madre», no número de 1 de Janeiro de 1978, e que damos na primeira página em fundo.

FÁTIMA, centro de espiritualidade

Julho

5.000 Peregrinos nos dias 22 e 23

Realizaram-se nos dias 22 e 23 de Julho as peregrinações do Arciprestado de Oliveira de Frades — Viseu, dos Missionários de Sofrimento — Porto, e da Conferência de S. Vicente de Paulo — S. José de Campanhã, Porto.

As cerimónias de sábado foram presididas pelo Rev. P. Manuel Couto. Os Missionários do Sofrimento orientaram uma Vigília de Oração realizada na Basílica desde as 23 h até às 6 horas da manhã de Domingo.

No dia 23 presidiu aos actos oficiais o sr. Reitor do Santuário, P. Dr. Luciano Guerra, que na homilia da missa das 11 h, ao comentar a parábola do trigo e o joio falou sobre o radicalismo, afirmando que só Deus tem o direito de ser radical, no dia do juízo final. Concelebraram a Eucaristia 24 sacerdotes de vários países. Foi dada a sagrada comunhão a cerca de 3.000 pessoas.

Entre os peregrinos presentes encontravam-se muitos estrangeiros, sobretudo italianos, espanhóis, franceses e americanos.

Às 12.30 h efectuou-se na Basílica uma Concelebração Eucarística presidida por D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar do Porto, em que participaram 80 doentes daquela diocese.

O Padre Larrañaga dirigiu um Retiro a 700 pessoas

O conhecido sacerdote chileno Padre Larrañaga dirigiu um retiro espiritual em Fátima, no qual participaram 650 religiosos, 70 religiosos (sacerdotes e irmãos) e 15 padres diocesanos, de quase todos os Institutos e Congregações religiosas do país.

O tema escolhido pelo Padre Larrañaga para o retiro que dirigiu foi «Experiência de Deus», e despertou grande entusiasmo. Autor de livros como «Mostra-me o teu rosto», «Sobe comigo», fundou um centro de espiritualidade franciscana e de pastoral latino-americano, em Santiago do Chile. As conferências decorreram no salão do Seminário do Verbo Divino, de Fátima.

Agosto

Peregrinação cordimariana

Realizou-se em 5 e 6 de Agosto a 25.ª Peregrinação Cordimariana, organizada pelos Missionários do Coração de Maria e presidida pelo P. João de Freitas Alves, Provincial daquela Congregação.

Aos actos de culto juntaram-se as peregrinações da Paróquia de Rebeiradio — Viseu, da Conferência Vicentina de Jovens de Santo Alberto Magno — Porto e vários grupos de peregrinos estrangeiros, sobretudo italianos e espanhóis, num total de cerca de 5.000 pessoas.

No dia 5, às 22.30 h, efectuou-se na Basílica uma celebração Mariana, orientada pelos responsáveis da Peregrinação Cordimariana. No Domingo, a concelebração das 11 h foi presidida pelo Bispo de Novara, Itália, D. Aldo del Monte, que veio em peregrinação com vários sacerdotes e um grupo de italianos da sua diocese. Concelebraram 32 sacerdotes de várias nacionalidades, entre os quais se encontrava um de nacionalidade síria que celebrou missa na Capelinha em Aramaico, no dia 5. A homilia foi proferida pelo sr. Reitor do Santuário sobre a Transfiguração do Senhor e as Migrações.

O canto esteve a cargo do grupo coral de Seixezelo e St.ª Maria de Lamas, orientado pelo Rev. P. José Maia.

Na tarde do dia 6, chegou a notícia do estado grave do Santo Padre Paulo VI e pouco depois a do seu inesperado falecimento. Era o dia litúrgico da transfiguração do Senhor.

Antes do concerto espiritual que a Liga dos Amigos do Canto Gregoriano promovera por ocasião da Semana Gregoriana foi feita uma sentida evocação da vida e morte deste grande Pontífice que se fez peregrino de Fátima num momento que ficará assinalado na História de Portugal.

A morte do Papa Paulo VI e o Santuário de Fátima

Foi profundamente sentida em Fátima a morte do Papa Paulo VI devido à sua presença, como peregrino, em 13 de Maio de 1967, pelo cinquentenário das Aparições.

Os sinos da Basílica dobraram a finados e os peregrinos presentes oraram pela alma do Pontífice, assim como diversos sacerdotes, nacionais e estrangeiros, rezaram missa em sufrágio de Paulo VI.

No dia 10, pelas 17 horas, foram celebradas solenes exéquias presididas pelo senhor Bispo de Leiria, Dom Alberto Cosme do Amaral e a participação de Dom Américo Henriques, Dom João Venâncio; reitor do Santuário e muitos sacerdotes. A Basílica encontrava-se repleta de fiéis; ordens e congregações religiosas, colégios, povo de Fátima e muitos peregrinos. Ao Evangelho o sr. Bispo de Leiria recordou comovidamente a presença de Paulo VI em 1967, assim como a sua grande devoção à Santíssima Virgem e o seu amor a toda a Humanidade. Prestou uma valiosa colaboração no canto litúrgico das exéquias, o Instituto Gregoriano de Lisboa, cujos alunos aqui se encontravam a participar na 29.ª Semana Gregoriana.



A fotografia que aqui publicamos mostra uma casa, já com o primeiro piso coberto, a menos de 100 metros do lugar da aparição de Nossa Senhora, a 19 de Agosto de 1917, nos Valinhos. Ainda recentemente escrevemos neste jornal a pedir que se faça uma reflexão séria e se tomem decisões sérias também acerca da preservação dos lugares que ainda hoje nos restam dos tempos em que Nossa Senhora nos visitou. Porque precisamos de documentos reais, porque precisamos de locais que nos ajudem a responder aos apelos dirigidos pelo Anjo e por Nossa Senhora a todos nós, e porque precisamos de oferecer sítios agradáveis aos visitantes que vêm até nós de tantas nações em busca de silêncio e de Deus — por estas razões seria um crime deixarmos invadir a Lapa do Cabeço e os Valinhos por quaisquer construções que se destinem ao comércio, ou que permitam converter aquelas paragens inóspitas em feira comercial. A casa que aqui tomamos a decisão de publicar destina-se evidentemente ao comércio. A menos de cem metros do local sagrado, tão necessário à oração e reflexão! Como se não bastasse o estendal que já se alarga quase até lá e que nos faz profunda tristeza ao visitarmos Aljustrel. De quem é a responsabilidade? Quem foi o culpado daquela construção? Por mais voltas que demos, não encontramos senão uma resposta: o culpado é a Câmara de Vila Nova de Ourém. Que embargou agora e podia ter embargado quando os materiais ainda não tinham começado a ser usados...

Será que também nós somos culpados? Da nossa parte alertámos, a tempo, a autoridade concelhia. E quando vimos que era inútil, decidimos alertar as autoridades centrais.

Poderão os peregrinos fazer alguma coisa? Para já, propomos e pedimos que escrevam à Câmara de Vila Nova de Ourém e ao Senhor Ministro das Obras Públicas, a pedir que se tome a sério a preservação destes lugares e de toda a área montanhosa que os envolve até cerca de Aljustrel e da Cova da Iria. Não faltarão terrenos para construir, na área abrangida pelo Plano de Urbanização, quer para habitações quer para o comércio que legitimamente pretende servir os peregrinos. Nós não somos contra o comércio. Mas somos contra o comercialismo que degrada aqueles lugares sagrados até fazer deles autênticas tendas de vendilhões.

Peregrinos! Escrevam para as autoridades!

Peregrinação Nacional dos Emigrantes

Paulo VI homenageado

Integrada na VI Semana Nacional das Migrações, promovida pela Obra Católica Portuguesa das Migrações, realizou-se uma grandiosa peregrinação a Nossa Senhora de Fátima com a participação de muitos milhares de peregrinos nacionais e estrangeiros, constituídos na sua maior parte por emigrantes portugueses procedentes de vários países da Europa, América e outros continentes.

Na tarde de sábado, dia 12, realizou-se uma mesa redonda em que foram tratados problemas relacionados com a Educação dos filhos dos emigrantes. Estiveram presentes, além do

P. Dr. Martinho dos Santos, Director Nacional da Obra Católica das Migrações, cerca de 50 emigrantes provenientes do Luxemburgo, Suíça, Alemanha, Inglaterra, França, Venezuela e Austrália, e sacerdotes missionários ligados à emigração.

Devido ao falecimento do Papa Paulo VI, D. Avelar Brandão Vilela, Cardeal Arcebispo de S. Salvador da Baía e Primaz do Brasil, não pôde, como estava previsto, presidir a esta peregrinação. Os actos foram por essa razão presididos por D. António dos Reis Rodrigues, Presidente da Comissão Episcopal das Migrações.

Tomaram parte na peregrina-

ção D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Coadjutor de Angra do Heroísmo e Vice-Presidente da Comissão Episcopal das Migrações, o Bispo de Santiago de Cabo Verde, que presidiu à peregrinação de centenas de emigrantes cabo-verdeanos, alguns procedentes da América do Norte, D. António dos Santos, Bispo Auxiliar de Aveiro, D. Américo Henriques, Bispo resignatário de Huambo, D. João Venâncio, Bispo resignatário de Leiria, D. Paulo Hlinica, Bispo titular de Rusado, na Checoslováquia (residente em Roma), D. Lambert van Kessel, Bispo de Sintang, Borneo (Indonésia), além dos membros do Secretariado Nacional das Migrações, numerosos capelães de emigrantes e outros sacerdotes.

Os actos da Peregrinação constituíram uma homenagem ao Papa Paulo VI, que foi várias vezes evocado, tendo os peregrinos orado pelo descanso de sua alma e pedido as bênçãos de Deus para a eleição do novo Papa.

Às 19h do dia 12 fez-se o início oficial da peregrinação com saudação aos peregrinos feita por D. António dos Reis Rodrigues. Esta cerimónia teve lugar na Capelinha das Aparições, com cânticos e a evocação da Aparição de Agosto de 1917.

Às 22 h efectuou-se a procissão das velas com a Imagem de Nossa Senhora pelo Recinto, e em seguida uma Concelebração presidida por D. Aurélio

Granada Escudeiro, que proferiu a homilia, falando sobre «A família e a educação na fé». Concelebraram 60 sacerdotes e comungaram cerca de 13.500 peregrinos.

De noite efectuou-se uma Via-Sacra representada, a que assistiram muitos milhares de peregrinos, a Vigília de oração ao SS.º Sacramento, uma celebração mariana e procissão eucarística. Colaboraram nestes actos vários grupos de sacerdotes e leigos, entre os quais um grupo de jovens de Santa Catarina da Serra — Leiria, outro de Santa Maria de Airó — Barcelos e os capelães dos emigrantes.

Pelas 10 h efectuou-se um grandioso cortejo de Bispos e sacerdotes que acompanhavam o andor com a Imagem de Nossa Senhora da Capelinha para o altar do Recinto. Aí, o sr. D. António Rodrigues presidiu a uma solene celebração de 166 sacerdotes e proferiu a homilia, altura em que, falando do interesse da Igreja pelos emigrantes, evocou a memória do Papa Paulo VI, «a quem se deve toda a organização moderna da pastoral dos emigrantes, no vasto contexto da Igreja Universal».

Ao ofertório foi conduzido para o altar o trigo oferecido para ser confeccionado em hostias do Santuário; foi também feito um peditório (autorizado excepcionalmente pelo Bispo de

Leiria) em favor da Rádio Renascença, por motivo da ocorrência do 40.º aniversário daquela Emissora Católica, e da aquisição de emissores de onda curta especialmente para os núcleos de emigrantes espalhados pelo mundo.

A oração Universal foi proferida nas línguas portuguesa, inglesa, polaca, alemã, italiana, húngara, francesa, holandesa e espanhola. Mais de uma centena de sacerdotes distribuíram a comunhão a cerca de 21.000 peregrinos.

No fim da missa, o sr. D. António Rodrigues deu a bênção com o SS.º Sacramento a 285 doentes de várias nacionalidades, e aos peregrinos em geral.

Entre os peregrinos estavam-se grupos da Alemanha, Espanha, Inglaterra, Suíça, Áustria, Hungria, Irlanda, Canadá, Estados Unidos, Nigéria, França, Itália e outros.

Antes da procissão do Adeus foi benzida uma imagem que vai peregrinar por todas as dioceses de Itália, durante 2 anos, numa campanha de oração promovida pela Obra de Apostolado do Padre Pio.

Foram assistidos no Posto de Socorros 610 doentes e 2.276 receberam tratamento no Lava-Pés. Por sua vez, o Serviço de Acolhimento aos peregrinos a pé proporcionou alojamento a 1759 peregrinos, tendo fornecido 2.085 pequenos-almoços, 1.528 almoços e 1.890 jantares.

Quem esteve em Fátima em 1917?

Continuam a chegar as respostas ao nosso apelo. Bem hajam todos! Ficamos à espera de outras. Não tenham receio de nos dizer mesmo os pormenores que já todos conhecemos. Mas sobretudo não esqueçam os nomes, as localidades donde vieram em 1917, as idades e os endereços postais das pessoas que ainda estão vivas ou dos seus familiares. E os Cruzados de Fátima não se esqueçam da actividade que lhes sugerimos no último número do nosso jornal.

Por falta de espaço, daremos relação de quem nos escreve no próximo número.

Como é este o último número da Voz da Fátima que vai chegar às mãos dos nossos leitores antes do

dia 13 de Outubro, renovamos aqui o apelo que já fizemos no ano passado: Convidamos todos os que estiveram presentes em Fátima em algum dos dias 13 de Junho a Outubro de 1917 a estarem na peregrinação anual comemorativa dos 61 anos da última aparição de Nossa Senhora e do milagre do sol. A todos será reservado um lugar especial e certamente terão a devida assistência. Se for possível, agradecemos que se anunciem à chegada.

Todo o correio desta secção pode ser enviado para SERVIÇO DE ESTUDOS E DIFUSÃO DE FÁTIMA — SANTUÁRIO DE FÁTIMA.

P.º Luciano Cristino